

CARTA DO EDITOR

Poucas instituições no Brasil têm mantido atividades editoriais por tanto tempo quanto o Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG). Essas atividades iniciaram em setembro de 1894, seis meses depois que Emílio Goeldi (1859-1917) assumiu a direção do instituto, com a publicação do primeiro fascículo do **Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia**. Nesses 120 anos, esse primeiro periódico foi reformulado diversas vezes, assumiu distintas feições, oscilou em sua periodicidade, foi desdobrado em diferentes séries e versões, ao sabor das estratégias administrativas e das contingências políticas e financeiras pelas quais o Brasil e a própria instituição passaram, mas algo se manteve inalterado desde o primeiro prefácio escrito por Goeldi, no qual apresentou seu projeto editorial: o firme propósito de publicar textos de qualidade para fazer avançar as ciências. Nas palavras de Goeldi: “Publicaremos trabalhos originais, realizados aqui por nós e por colegas, que estão em contato conosco. Estudaremos igualmente o que tem sido feito de bom antes de nós, em relação ao campo de trabalho assim circunscrito, fiscalizando o que se vai fazer fora, longe daqui, em outras partes do mundo, por naturalistas com quem ainda não travamos relações. Descobrimos uma ou outra coisa mais antiga, de incontestável valor e que talvez não tenha achado a devida vulgarização entre nós, trataremos de tirar do pó do esquecimento, procurando ser justos com todos e prestar-lhes uma modesta homenagem, embora póstuma em tantos casos. Trataremos de reunir, condensar e coligar material esparso no tempo e na literatura de outros povos, sempre com o fim e intento de fazer aproximar a época em que será possível um balanço mais ou menos exato dos conhecimentos atuais sobre a Amazônia e delimitar a soma do que já é conhecido da que fica ainda por se investigar. Procuraremos preencher lacunas e chamar para elas a atenção pública”.

Este breve manifesto reúne o que se pode considerar, ao mesmo tempo, como um projeto editorial e científico. Ele é notável pela atualidade de seus princípios, demonstrando que os imperativos da comunicação científica, hoje tão exigentes e sumarizados na expressão *publish or perish*, não são tão novos. Pelo contrário, há muito se tem a clara percepção de que a atividade científica requer, em seu processo de legitimação social, consolidação e expansão, a publicação regular de textos conforme regras e normas pré-definidas. Investigação e comunicação sempre foram atividades indissociáveis. Nas palavras de Goeldi, a ciência deve “preencher lacunas” e “chamar para elas a atenção pública”.

Há, contudo, algo importante a ser observado no citado trecho de Goeldi: se hoje somos premiados pelos índices e pelas métricas – que soem, cada vez mais, burocratizar a atividade científica, transformar os cientistas em operários de uma fábrica fordista e os editores em estrategistas de guerra –, no entendimento de Goeldi eram necessários uma intenção, um plano e resultados a serem apresentados. Devia-se primeiro identificar as “lacunas” e preenchê-las, e

depois chamar a atenção do público. Assim ele fez ao justificar a criação do Boletim, por ter um projeto científico claro e bem delineado para a instituição que dirigia, o qual requeria a devida “vulgarização”. Estudar, fiscalizar, tratar, descobrir, reunir, condensar, coligir, delimitar, aproximar – todos verbos usados por Goeldi em seu prefácio, os quais estão na base de qualquer investigação científica e antecedem, *a priori*, o verbo publicar.

O fim último de qualquer periódico, hoje como na época de Goeldi, é fazer avançar o conhecimento científico, por meio de processos rigorosos e transparentes, amplamente institucionalizados, como o *peer review* – e, a partir desse compromisso, deve ser avaliado e incentivado. Revigorar e atualizar esse princípio básico da comunicação científica tem sido o nosso desafio desde a última reformulação do Boletim, ocorrida há nove anos. Naquele momento, as palavras de Goeldi soaram como inspiração para as decisões editoriais, não apenas porque se mantiveram atuais ao longo do tempo, mas também por serem um alerta contra a tendência produtivista que registramos atualmente no âmbito da comunicação científica brasileira, que faz proliferar textos desprovidos de qualidade teórica, metodológica e gramatical.

Para celebrar a publicação do primeiro fascículo do Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia, publicaremos nos próximos números do **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas** um dos sucedâneos daquele, uma série de memórias e ensaios históricos sobre a revista, com a finalidade de divulgar o rico material disponível para pesquisadores de diversas áreas, desde que interessados na história da ciência, da imprensa, das artes gráficas, da comunicação e ilustração científica. Até o momento, muito poucos estudos tomaram este periódico como objeto de investigação, seja no âmbito da história, da comunicação social ou da ciência da informação. Esperamos que a efeméride dos 120 anos gere o interesse que move a roda do conhecimento.

Neste número, apresentamos um dossiê que bem expressa nossa intenção de incentivar a aproximação de diversas áreas, como história, ciência, técnica, comunicação e arte, todas capazes de se debruçar sobre objetos comuns, como um livro, uma imagem, um filme ou mesmo ideias. Ana Maria Mauad (Universidade Federal Fluminense) e Marcos Felipe de Brum Lopes (Instituto Brasileiro de Museus) organizaram o dossiê “Imagem, história e ciência” com dez textos, reunindo 11 autores de nove instituições, sendo uma mexicana, uma norte-americana e as demais brasileiras. Juntos, exploram, a partir de conceitos como ‘representação’ e ‘discurso’, as relações entre imagem e a constituição das ciências humanas; entre fotografia e a objetivação do conhecimento; entre viagem e iconografia; entre cinema e etnografia; entre teoria e interpretação; e entre imprensa e gênero. Na seção Memória, um relato de experiência demonstra o potencial que a fotografia tem para a pesquisa social, em um duplo sentido: na construção de identidades sociais e no registro das transformações dessas identidades ao longo do tempo.

Entre os artigos científicos, Loredana Marise Ricardo Ribeiro (UFPEL) e Camila Pereira Jácome (UFMG) analisam as interações entre populações indígenas e não indígenas no sul do Espírito Santo nos séculos XVIII e XIX, a partir do aparato material tupi coletado em diversos sítios arqueológicos. André Pinassi Antunes (INPA) e colaboradores fizeram, pela primeira vez, um amplo levantamento sobre o comércio internacional de peles silvestres na região amazônica nas décadas de 1930 a 1960, destacando seu papel na economia regional. Diego Alejandro Cardona Calle (INPA) e colaboradores descrevem e avaliam as transformações contemporâneas no manejo da andiroba (*Carapa* spp.) realizado por comunidades da Reserva Extrativista do Rio Jutáí (AM). Por fim, Leonardo Bis dos Santos (IFES) apresenta e debate o conceito de ‘conflito social’ como ferramenta para interpretação dos movimentos sociais pretéritos e contemporâneos. Duas resenhas encerram o número, uma de autoria de Michelle Gomes Lelis e José Ambrósio Ferreira Neto, e outra de Bruno Leonardo Ricardo Ribeiro.

Agradeço aos organizadores do dossiê “Imagem, história e ciência”, pelo desenvolvimento deste projeto junto ao periódico; aos autores, partícipes em todo o processo editorial, pelo interesse manifesto; e à valorosa equipe que produz esta revista, pela dedicação e seriedade com que conduz suas atividades.

Boa leitura!

Nelson Sanjad
Editor Científico